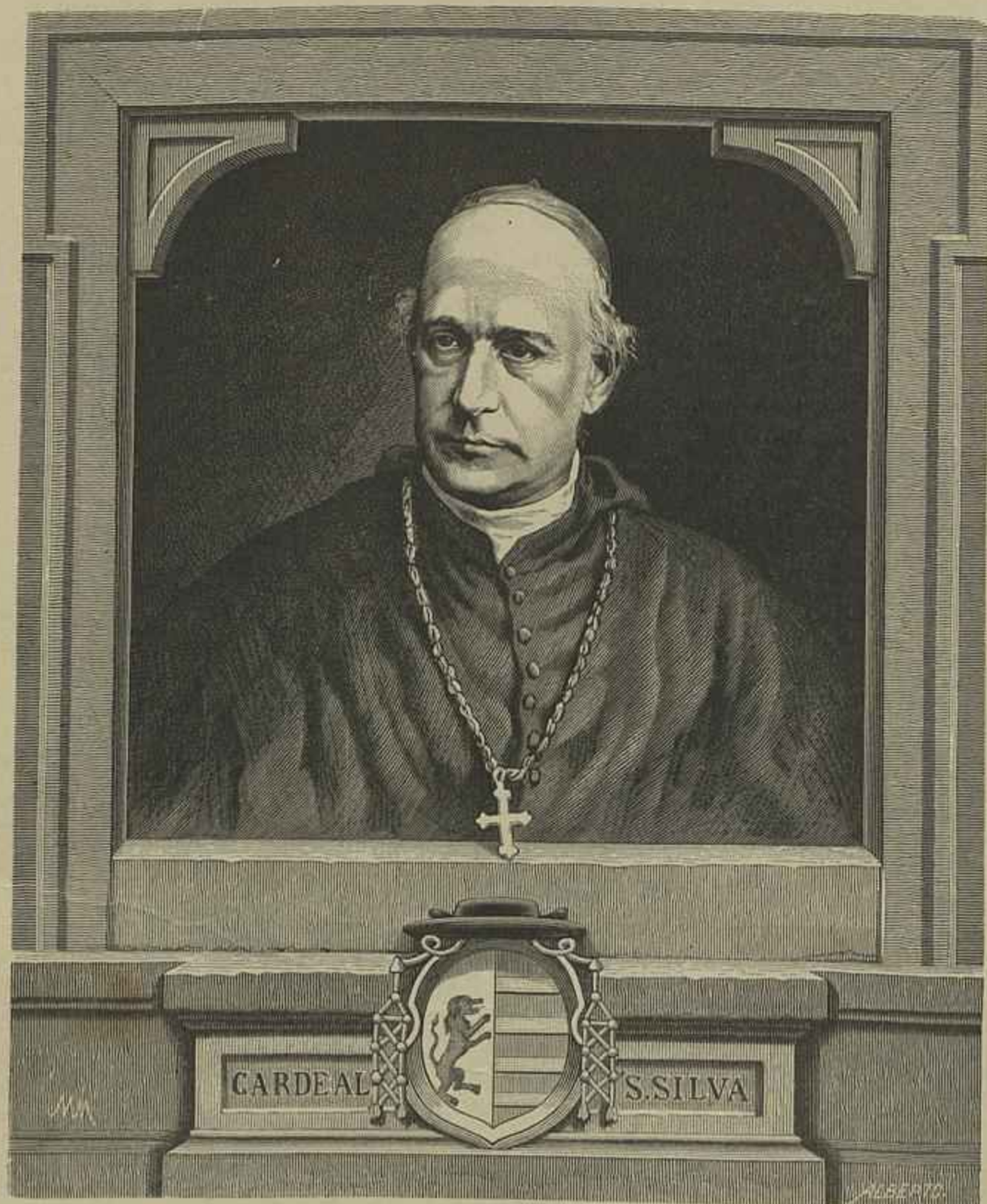


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 638	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	2,800	1,800	8950	8120	15 DE SETEMBRO DE 1896	<i>Liebois, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem),...	4,800	2,800	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,800	2,850	—	—		



SUA EMINENCIA O CARDEAL D AMERIGO, BISPO DO PORTO



CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de um dia de calor asphyxiante chegou finalmente a chuva. Duas furiosas bategas d'agua, uma de noite, outra pela madrugada, vieram abater a poeira d'essas ruas, diminuir o peso da atmosphera.

Bate-nos á porta o inverno. Caem as folhas, chegam os ministros, que teem estado veraneando, quasi todos nas praias. O Sr. Ministro da Marinha no Bussaco, talvez dizendo ao mar:

*Avança, que, de rastos,
Viras beijarmo os pés!*

Caem as folhas, chegam os ministros, porque é outomno. Talvez, lá para a primavera aconteça o contrario.

O primeiro a voltar para o seu gabinete foi o Sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, ministro da justiça, artista primoroso, poeta d'alma e coração, que andou pela sua provincia de Traz os Montes, a refazer um pouco de sangue e de bom humor n'aquella natureza aspera, longe de fadigas e dissabores. Fizeram-lhe festa as raparigas de Fermentões, onde o adoram. Quem sabe quanta vez elle invejaria a tranquillidade d'aquelles pobresinhos, poetas de rimas pobres, que lhe cantavam no baile de roda:

*Oh! que festa nós faremos,
Quando formos a cusar!
Os sinos da nossa aldeia
Tocarão até quebrar!*

O unico, que marcialmente ficou em Lisboa, foi o Sr. Ministro da guerra.

Et, s'il n'en reste qu'un, je serai celui-là!

O inverno está-nos á porta. O verão começa a dizer-nos um adeus muito terno com os seus crepusculos pallidos, uma suavidade de tons nas folhagens, uma carícia meiga da brisa, á tarde, mais humida.

Já se começa a falar em theatros, d'alguns ainda vagamente d'outros com maior interesse, porque já, definitivamente escolheram repertorio.

No theatro da Trindade a empresa de Souza Bastos porá em scena *A Gata Borrulheira*, que fez as delicias da infancia ou da mocidade de muitos de nós.

Como por toda a parte se cantava então:

*Isto é viver
Vida de horror,
Sem um alvor
De esperança ter!*

Era Anna Pereira, no seu gentilissimo travesti de Principe não sei qué, que contava tão sentidamente essa pequenina estrophe com musica de Auber, salvo erro. E' que o principe andava louco, apaixonado pela Gata Borrulheira! E tinha razão; a Gata era Rosa Damasceno e d'ella dizia um jornalista do tempo que era o mais lindo rosto que pisava o palco portuguez, o que era verdade, salvo a asneira.

Isidoro, Augusto, Queiroz, Delphina eram impagaveis! A magica deu dezenas e dezenas de recitas. Foi uma das peças mais brilhantemente mandadas por Francisco Palha.

Volta agora novamente á scena e tudo ha a esperar da excellentissima companhia que vai funcionar sob a direcção de Sousa Bastos, com certeza um dos empenzarios portuguezes que mais capricham em dar ás peças a melhor encenação.

O theatro da Rua dos Condes será o primeiro a abrir, levando á scena *A Cigarra*, para apresentação de Angela Pinto. Com a aquisição d'esta actriz excellente em todos os generos, mas sobretudo na opera comica a que mais se dedicou, a companhia, que já contava em seu elenco artistas do valor de Mercedes Blasco, Valle, Silva Pereira, Gil, Cabral e tantos outros, pôde ser classificada como de primeira ordem.

Angela Pinto, foi em Lisboa, que não a conhecia, causa de verdadeiro fanatismo, quando creou no theatro da Rua dos Condes, onde felizmente se acha de novo, o papel de Manuela no *Solar dos Barrigas*. Cantaram-a poetas, incensaram-a prosadores, e foi com verdadeira magua que os mais assíduos frequentadores d'aquellas representações a viram partir para o theatro do Principe

Real do Porto, por onde, mais ou menos, com raras visitas á capital, se conservou até agora.

Angela é um talento brilhantissimo, e, o que mais é, em continuo progresso. As suas aptidões são muitas e cremos que haverá n'ella estofo para muito mais do que ha feito até agora. Desequilibra por natureza, poz ao serviço da arte a sensibilidade irroquieta dos seus nervos; no seu curso errante, mudando constantemente de orbita como um asteroide perdido, vai pelo céo, illuminando, por onde calha, as trevas da noite. Que o theatro do Rua dos Condes se torne agora por muito tempo o centro d'aquelle systema complicado. E' o mais que lhe podemos desejar por elle e por nós, seus admiradores.

Pouco se sabe por enquanto do repertorio com que este anno a empresa Rosas & Brazão tenciona convidar o publico frequentador do primeiro theatro portuguez. Fala-se n'uma peça de Marcellino Mesquita, um brilhantissimo nome da nossa litteratura dramática e que ainda na passada epocha, aqui como no Porto, viu com o maior e mais justo entusiasmo applaudida a ultima obra, para nós a melhor *A Dôr Suprema*.

E' certo que subirá á scena uma traducção da obra prima de Shakespeare *Much ado about nothing*.

A peça foi buscada o grande tragico inglez no conto de Banello: *De como Timbreo de Cardona se apaixonou em Missines por Fenicia Leonati e dos casos estranhos e diversos succedidos antes de seu casamento*. Mas o conto nada valia, a fabula era quasi nada, os caracteres estavam apenas esboçados. Nas mãos de Shakespeare tudo aquillo se transformou. O diamante sahio brilhantissimo da ganga; o poeta poliu-o, facetou o, deu-lhe luz, e essa comedia, que eternamente ha de viver, é uma das mais formosas joias do opulentissimo escrínio do immortal dramaturgo.

De todas as peças de Shakespeare esta é uma das que maior exito teem sempre obtido. Milhões de vezes representada em Inglaterra era a preferida de Garrick, que obtinha sempre colossaes ovações no desempenho do papel de Benedicto, um dos typos mais alegres e mais felizmente creados pela fantasia riquissima do poeta genial, cujos corações, desde que Rossi aqui representou o Hamlet pela primeira vez, teem sido, constantemente, fanaticamente applaudidos pelo publico dos nossos theatros.

A empresa do theatro do Gymnasio escripturou o actor Joaquim d'Almeida, no que bem andou, visto o genero de spectaculos preterido pelas plateias d'aquella sala.

Dos theatros de S. Carlos e Principe Real pouco se sabe por enquanto, mas no theatro D. Amélia annunciaram-se surpresas variadas.

Assim se irá passando o inverno até que de novo volte o verão com o seu enorme cortejo de sensaboria.

Houvera uma esperanza, mas breve se desfez: as festas do centenário da partida de Vasco da Gama para a India. Descobriu-se de repente, o que de veras causou espanto a muitos, que não tinhamos vintem!

Effectivamente receber os estrangeiros que se esperavam sem que dignamente os pudéssemos hospedar, embora fazendo das fraquezas forças seria, se não um acto de pouca delicadeza, pelo menos um pouco humilhante. Fazer o que fazia o Rosa pae no velho drama *O fidalgo pobre*, pintar com tinta de escrever os cotovellos coçados da sobrecasaca e deitar cinza nas garrafas para impingir vinho ali da tenda da esquina como sendo nectar preciosissimo da velha adega, pôde ser lindo e até commovente em theatro, mas de nação para nação, confessemol o, não é honito.

Para final de chronica vem talvez agora a péllio uma historia da Senhora Infanta D. Isabel Maria, que, ha poucos dias, me foi contada pelo Julio Mardel, fecundo em historias velhas que sabe dizer com graça immensa.

Por occasião d'um d'esses boatos de revolta, em que foi tão fertil o tempo em que a sr.^a Infanta teve que haver-se com a politica do reino, julgou ella prudente sanir de Lisboa, indo esconder-se n'um d'esses mil conventos dos arrabaldes.

Imagine-se a surpresa das pobres freiras, coitadas! Tocaram a capitulo e trataram de receber tão augusto personagem como suas crenças e tradições lhe ordenavam ser um dever.

Deitaram as prateleiras abaixo, revolveram bahús, mandaram buscar fora do que não tinham em casa e finalmente tratavam a princeza como um principe. Tudo lhes parecia pouco para honrarem quem tanto as vinha honrar.

De noite ninguém dormia. Umás velavam á porta do quarto, transformado em ninho de fadas, para acudir ao mais leve signal de chamamento, outras rezavam no côro para que o somno da in-

fanta deslisasse brando, cheio de sonhos perfumados como o azeite purissimo que ardia na lampada suspensa. A colcha do leito era de brocado, o colção das pennis mais macias, os lençoes de finissimas rendas.

Acordava a princeza e já, havia muito na cosinha ia um vac-vem desusado, que afugentava para longe os passaros costumados a vir buscar as migalhas frugaes ao parapeito da janella.

A abbadessa em trez dias viu embranquecerem-lhe os ultimos cabellos negros, na confeção dos pratos mais delicados, verdadeiros poemas. A doceira fez uns fios d'ovos mais finos que os cabellos loiros da mais etherea princeza do norte. As gallinhas eram depennadas aos milhares para só se lhes aproveitar as partes mais tenras. Até dois pombinhos brancos, que eram o orgulho e a alegria da communidade, foram degolados para satisfazer a gulodice da altissima personagem a quem todos serviam de joelhos.

Quando chegou a nova da falsidade das atoardas, o convento estava empenhado para mais de dez annos. A Sr.^a D. Isabel sahio então e á porta, voltando-se para a abbadessa, disse-lhe com toda a magestade de princeza:

—Hei de aqui voltar muitas vezes. Muito gostei de vêr que não tinham feito cerimonia nenhuma.

A cara da pobre velhinha!...

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

CARDEAL D. AMÉRICO BISPO DO PORTO

Temos por muita honra o estamparmos hoje nas paginas do OCCIDENTE o retrato do illustrado prelado da egreja portuense, Cardeal D. Américo, a quem a cidade do Porto prestou a sua homenagem de sympathia e respeito, nas pomposas festas com que, no dia 10 do corrente, solemnizou as suas bodas de prata ou o 25.^o anniversario da sagração do virtuoso prelado, honra e gloria do episcopado portuguez.

Assocismo n'os do coração a essa festa, como a todas que são inspiradas pela justiça, que são o premio da virtude, a expressão de sentimentos nobres e dignos, como é o respeito e a admiração que se deve aos bons de alma e de coração.

Ninguém lhe excede esses preciosos dotes, que alliados a uma intelligencia clara e illustrada completam o digno prelado, que tem sabido desempenhar a sua difficil e milindrosa missão. — n'estes tempos que atravessamos — de modo superior.

A administração da sua diocese é um modelo, como modelo são os dois seminarios, um no Porto e outro nos Carvalhos, sob a sua direcção.

Nasceu o illustre prelado em Massarellos, soburbios do Porto a 16 de janeiro de 1830, filho do primeiro barão de Santos, respeitavel negociante da praça.

Recebeu a sua primeira educação litteraria em Franca no collegio denominado Sacra Família, fundado pelo portuguez Dr. José da Silva Tavares, onde esteve até á idade de 10 annos. Regressando a Portugal matriculou-se na faculdade de theologia da Universidade de Coimbra e tomou capello em 1852.

Ordenado presbytero, veio para Santarem reger a cadeira de theologia, no seminario patriarchal até 1858, onde deixou as mais gratas recordações.

Quando o patriarcha de Lisboa D. Guilherme foi a Roma, em 1854, tomar parte no concilio do Vaticano, levou em sua Companhia D. Américo Ferreira dos Santos Silva, e Sua Santidade o Papa Pio IX houve por bem nomeal o seu camareiro secreto, honra, por sem duvida, só concedida a cleros onde concorrem, a par da illustração e saber, as virtudes do verdadeiro christão.

Foi, em 1862, nomeado conego da Sé de Lisboa, e, de 1865 a 1868 encarregado pelo patriarcha D. Manoel, do governo do patriarchado, de que se desempenhou com tal intelligencia e zelo que, por morte de D. Manoel, foi nomeado Vigario Capitular, cargo que exerceu até 1871.

N'este anno foi confirmado bispo do Porto, a 18 de junho e sagrado a 10 de Setembro.

O Porto recebeu com jubilo o novo prelado, que era ao mesmo tempo filho da invicta cidade e o bispo soube corresponder aquellas demonstra-

ções de sympathia, pela justiça, zelo e inescudível caridade com que tem dirigido o seu rebanho.

As festas que então lhe fez, são agora renovadas para commemorar o 25.º anniversario da sua sacração, e prova que os annos não arrefeceram os entusiasmos d'out'ora, porque o illustre prelado tambem não se afastou do caminho traçado.

As suas pastoraes são modelos de boa doutrina e de boas letras, affirmando o pastor exemplar, o fino gosto litterario e o bom portuguez amante da sua patria.

A familia real tem manifestado sempre especial consideração pelo actual bispo do Porto, e o fallecido e chorado monarcha D. Luiz I escolheu D. Americo para confessor dos principes.

Foi ainda El-rei D. Luiz que, usando do direito de escolher um cardeal alem do patriarcha, indicou D. Americo Ferreira dos Santos Silva, indicação que foi bem accete pelo actual Papa Leão XIII, sendo feito cardeal, no consistorio de 12 de maio de 1879, tendo logar a imposição do barrete cardinalicio, no dia 1 de junho seguinte, com grande solemnidade, no paço da Ajuda.

Não podia ser mais bem merecida a subida honra. O tempo tem-se encarregado de o demonstrar, porque em cada anno volvido vai augmentando a fama das virtudes do preclaro Cardinal Bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos Silva.

DR.ª D. DOMITILLA DE CARVALHO

Temos hoje occasião de prestar homenagem á illustre dama portugueza, sr.ª doutora Domitilla de Carvalho que, abalançando-se aos estudos superiores, na Universidade de Coimbra, conseguiu chegar a formar-se na difficil faculdade de physio-phi-a, proseguindo na de mathematica e aspirando á de medicina, dando assim um notavel exemplo de energia e de estudo, adquirindo em diversos annos do seu curso os mais honrosos laureis academicos.

Vangloria-se o nosso seculo de ser aquelle em que a companheira do homem tem conquistado maiores prerogativas e em que a apothese da mulher illustrada se faz unanimemente.

Actualmente, todo o trabalho recebe a gloriosa consagração geral, todavia, ainda ha alguns retroçados que querem a mulher sumida na ignorancia, desconhecendo os esforços que desde longos tempos este sexo envidou para transpôr as portas dos templos do saber, concorrendo immensamente para a civilisação universal, facto este que por si só bastaria para recommendar a equaldade de acesso dos sexos á cultura intellectual.

A vangloria do seculo XIX não deixa, tambem, de ser estulta. As mulheres eruditas não são de hoje. Formosos exemplos nos offerecem a este respeito as mais celebres universidades de tempos longinquo e proximos. Já, antes que as modernas academias permittissem ás senhoras a frequencia como discipulas, que celebradas damas pela sua illustração conseguiram subir á culminancia da cathedra. Deu-se isso nas universidades medievaeas. Em Bolonha, a estudiosa Anna Manzolini ensinou anatomia, Clotilde Tambroni, o grego, Laura Bassi as mathematicas, e n'essa cidade a inspirada Propercia di Rossi abriu aula de esculptura. Aos fastos academicos de Bolonha tambem pertence no seculo XV, Novella André, Jonzella de extremada formosura que na ausencia de seu pae lia, com o rosto velado para que os ouvintes deslumbrados se não distrahissem, o direito justiniano.

Mas deixando divagações, talvez inopportunas, fallemos da illustre dama portugueza cujo retrato apresentamos.

A senhora doutora Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho, a distinctissima academica cujo retrato archivamos hoje na nossa galeria, conta vinte e cinco annos de idade, pois nasceu a 10 de abril de 1871, em Travanca da Feira, districto de Aveiro. Seu pae, o sr. Manuel Rodrigues de Carvalho, que era professor publico, falleceu em março de 1872, deixando sua esposa, a sr.ª D. Margarida Miranda de Carvalho, com tres filhos: duas meninas e um menino. Começou, então, uma vida de lucta para a desditosa senhora, que se viu a braços com as mais circumstancias em que ficara, tendo tres filhinhos dos quaes o mais velho mal contava dois annos. D. Margarida estudou muito e devido á sua extraordinaria força de vontade, habilitou-se para o magisterio primario, conseguindo com os seus dedicados sacrificios instruir seus filhos nos primeiros estudos.

Sendo professora do sexo femenino, em S. Pe-

dro das Aradas (Aveiro), contrahiu segundas nupcias com o sr. Joaquim Moraes de Miranda, ao tempo chefe da estação telegraphica em Aveiro.

Foi em Castello Branco, no anno de 1885, que D. Domitilla de Carvalho fez exame de instrucção primaria, e n'esse mesmo anno começou a frequentar as aulas do lyceu d'aquella cidade. Proseguiu estudando os preparatorios successivamente nos lyceus de Bragança e de Leiria, terminando-os em 1891 n'este ultimo. Incitada pela vontade de estudar e animada pelos applausos dos seus mestres, a intelligente menina matriculou-se no primeiro anno das faculdades de philosophia e de mathematica, na Universidade de Coimbra.

Por occasião da visita de SS. MM. a Coimbra, em julho de 1892, foi D. Domitilla apresentada á Rainha que lhe concedeu um subsidio mensal de 150000 réis. Tão valioso auxilio foi devido aos dedicados esforços dos drs. Fernando de Mello, Luiz da Costa e Almeida e João José Dantas Souto Rodrigues, sendo este ultimo o seu proficiente professor de mathematica.

Da distincção dos seus exames na Universidade dão bem idea os seguintes premios: no primeiro anno, em chimica mineral e na primeira cadeira de mathematica; no segundo anno, premio na segunda cadeira de mathematica e os primeiros accessits na segunda e terceira cadeira de philosophia. Em 1894, tomou grau de bacharel em philosophia, tendo os primeiros accessits nas cadeiras 4.ª, 5.ª e 6.ª da mesma faculdade.

Em 1895, formou-se em philosophia, e no corrente anno obteve o 1.º accessit do terceiro anno da faculdade de mathematica, continuando assim os seus triumphos academicos.

Eis, pois, em rapidos traços a vida academica da illustrada dama que, graças ao seu trabalho perseverante, em continuados estudos, conseguiu subir ao elevado grau de doutora em faculdades tão difficeis, cobrindo o seu nome de bem merecida reputação.

NAVIO ROLANTE «BAZIN»

Este extraordinario navio que o illustre engenheiro francez, sr. Bazin acaba de construir, está prompto a revolucionar os transportes maritimos, excedendo no seu andamento as maiores velocidades conhecidas. Dentro em breve tempo o Havre ficará á distancia de quatro dias e sete horas de New-York.

Simplemente pasmoso.

Já em tempo tivemos occasião de noticiar este invento, quando o notavel engenheiro experimentou o modelo do novo transporte. A essas experiencias assistiu um portuguez, o sr. Joaquim Mattoso da Camara, a quem se deveram todas as informações que a respeito de tal invento então se produziram na imprensa.

Hoje o navio definitivo, guardadas as devidas proporções do modelo, parece consummar todas as previsões feitas.

Como se sabe, o navio funda-se na diminuição do attrito, fazendo rodar sobre as ondas em vez de cortar e deslizar pelas aguas, porque só por essa forma se poderá augmentar a velocidade do navio sem obrigar a maior pezo e a maior deslocamento.

O barco definitivo mede 40 metros de comprimento e 11,86 de largo, podendo navegar nos pontos mais estreitos do rio Sena.

As rodas tem 10 metros de diametro.

A lotação do barco é proximamente de 280 toneladas.

As rodas têm uma espessura de 3,60 perto do eixo. O interior de cada uma d'ellas é munido d'uma solida armadura, que reforça estes enormes discos com chapas de aço. Todo o resto do navio é de aço.

O seu peso total, no momento do lançamento, será de 180 mil kilos.

As machinas, caldeiras e outros appparelhos complementares, serão montados depois de ser lançado ao mar o barco.

Um grande-corredor, em forma de ponte, que encima o vapor, contem uma fila de camarotes compostos de salas, casas de banhos, serventias, etc. Os aposentos do commandante são na prôa.

As rodas são em numero de oito, dispostas aos pares de cada lado do barco, como se vê da nossa estampa.

Tres machinas de 200 cavallos, imprimem movimento de rotação ás rodas. A helice, isto é, o agente de impulsão, é movida por uma quarta machina, da força de 550 cavallos. Uma caldeira unica fornecerá o vapor necessario para pôr em movimento estas 4 machinas.

A originalidade d'este navio consiste tambem na falta de quilha inerte, pois que as rodas fazem o papel de quilhas moveis.

Um navio ordinario, dispendo da força que este emprega, andaria nove nós (16:668 metros) por hora, ao passo que o rolante *Bazin* andará cerca de vinte e dois nós ou 40:744 metros no mesmo tempo.

Estes dados são os sufficientes para o leitor aquilatar da importancia do novo invento.

PELOURINHO DE PALMELLA

A historica villa de Palmella, berço da ordem de S. Thiago, em Portugal de que foi primeiro mestre o infante D. João, filho de D. João I, já não tem a opulencia dos seus primeiros tempos, quando D. Affonso Henriques a conquistou aos mouros e lhes deu foral.

Então engrandeceram na os nossos primeiros reis, desde D. Diniz que a elevou á categoria de villa ate D. João I, que estabeleceu n'ella a séde da Ordem de S. Thiago e promoveu grandes obras.

De todas essas grandezas ainda hoje conserva o seu castello sobranceiro ao Tejo, dominando a serra que vai formar o cabo Espichel ao Sul da barra de Lisboa. D'aquella emminencia avista-se um panorama soberbo, que domina todo o Tejo de Santarem até ao Oceano, e o formoso Sado onde se espelha Setubal.

Palmella foi cabeça de um dos mais antigos concelhos de Portugal, mas o decreto de 24 de outubro de 1875, que suprimiu varios concelhos do districto administrativo de Lisboa, suprimiu o concelho de Palmella que ficou junto ao de Setubal. Entretanto lá conserva ainda o seu pelourinho documento da sua antiga autonomia municipal, e que nós vamos archivando com outros que já temos aqui publicado, antes que o camarello do progresso o deite por terra.

OS TITERES

(VULGARISAÇÃO)

Quem haverá ali que não saiba que coisa sejam titeres. Quem podera haver que, durante a sua vida, não tenha passado, siquer ao menos uma hora, a rir como perdido, em presença d'esses endiabrados bonequinhos, de simples mas engenhosa construcção, movidos com arames, cordeis e outros artificios mechanicos, e que arremédam, com effeito burlesco absolutamente irresistivel, a voz, o gesto, os ademanos dos entes da especie humana?

Fazem, por assim dizer, parte obrigada, das feiras e outras festas populares, os theatrinhos de titeres, em que os taes bonifrates, em tão grotesca pantomima, parodiam os fracos e os ridiculos d'esse triste e mesquinho rei da creação — Um ou mais titeriteiros, occultos debaixo do palco, ou por detraz do scenario, vão, entretanto, governando os movimentos aos actoresinhos de papelão e, com voz contrafeita, recitando o dialogo, completam assim a illusão ao espectador.

A origem dos espectaculos de titeres some-se na escuridão dos tempos mais remotos — fizeram as delicias de gregos e romanos; Kara-Geus é tão popular entre os povos musulmanos como D. Custodio ca pela peninsula, Punch e Judy nas ilhas britannicas ou Pulcinella em Napoles. Os espectaculos de bonecos constituem, ainda hoje, na China, passa tempo favorito de todo o fiel quebra-esquinas. As comedias e entremezes de titeres foram, desde tempos esquecidos, diversão predilecta de allemães e outros povos septentrionaes: o titere figurava sempre nos programmaes dos festejos celebrados nos mais opulentos lares; penetrava, até, nos proprios paços reais.

Chegaram a escrever-se actos e comedias de proposito para os titeres, em que, geralmente, foram apparecendo determinadas personagens, typos fixos, grotescos, os quaes, em toda e qualquer peça, desempenhavam sempre o papel comico principal. A idéa fundamental do *Fausto*, esse tão celebre drama, foi pedir-se emprestada aos theatrinhos dos titeres, Shakespeare, Cervantes, Molière, Byron, Haydn e outros muitos auctores e compositores de nomeada, mais de uma vez basearam suas immortaes producções nos grosseiros espectaculos forenses de bonecos.

Era typo já popular, no seculo XIII, o titeriteiro ambulante — o maninelo — que, por esse mundo além, percorria sécca e mécca, mostrando as grotescas e rudimentares figurinhas, que trazia occultas debaixo do capote, manta ou balastrão, e que,

aos domingos e dias festivos, proporcionavam delicias aos aldeãos e camponeses. Commentava a burlesca pantomima dos toscos binifrates, recitando, em fal sete, dialogo rimado e recheado, Deus-sabe de que facécias, cujos assumptos se fliavam nas lendas, romances de cavallaria e contos populares; e, ainda hoje, em regiões mais desviadas, se encontram vestigios d'essa litteratura oral, nos entremezes improvisados que ali constituem o melhor do repertorio dos theatrinhos de titeres, como succede, por exemplo, nas provincias allemãs, cujos titeres (os *Haemchen*) tem fama em toda a Allemanha e desempenham peças extrahidas das antigas lendas, taes como a de Genoveva do Brabante, a dos Quatro filhos de Aymon, a do Cavalleiro Roldão e quejandas, invariavelmente alegradas todas pela intervenção de *Hanswurst* (João chouriço,) personagem truanesca, a qual, mais tarde, de titeres que ora veio, no theatro popular, a transformar-se em actor de carne e osso, de sempenhando papel identico áquelle que incumbia a Chórus no theatro da antiguidade classica, e tendo a seu cargo todas e quizesquer allusões maliciosas a factos conhecidos. A's constantes satyras disparadas contra os costumes da época e recheadas de audaciosas criticas, ás chufas mordazes nem mesmo escapavam as pessoas de elevada jerarchia.

Tal personagem, apparece successivamente e com diversos nomes e peculiari-



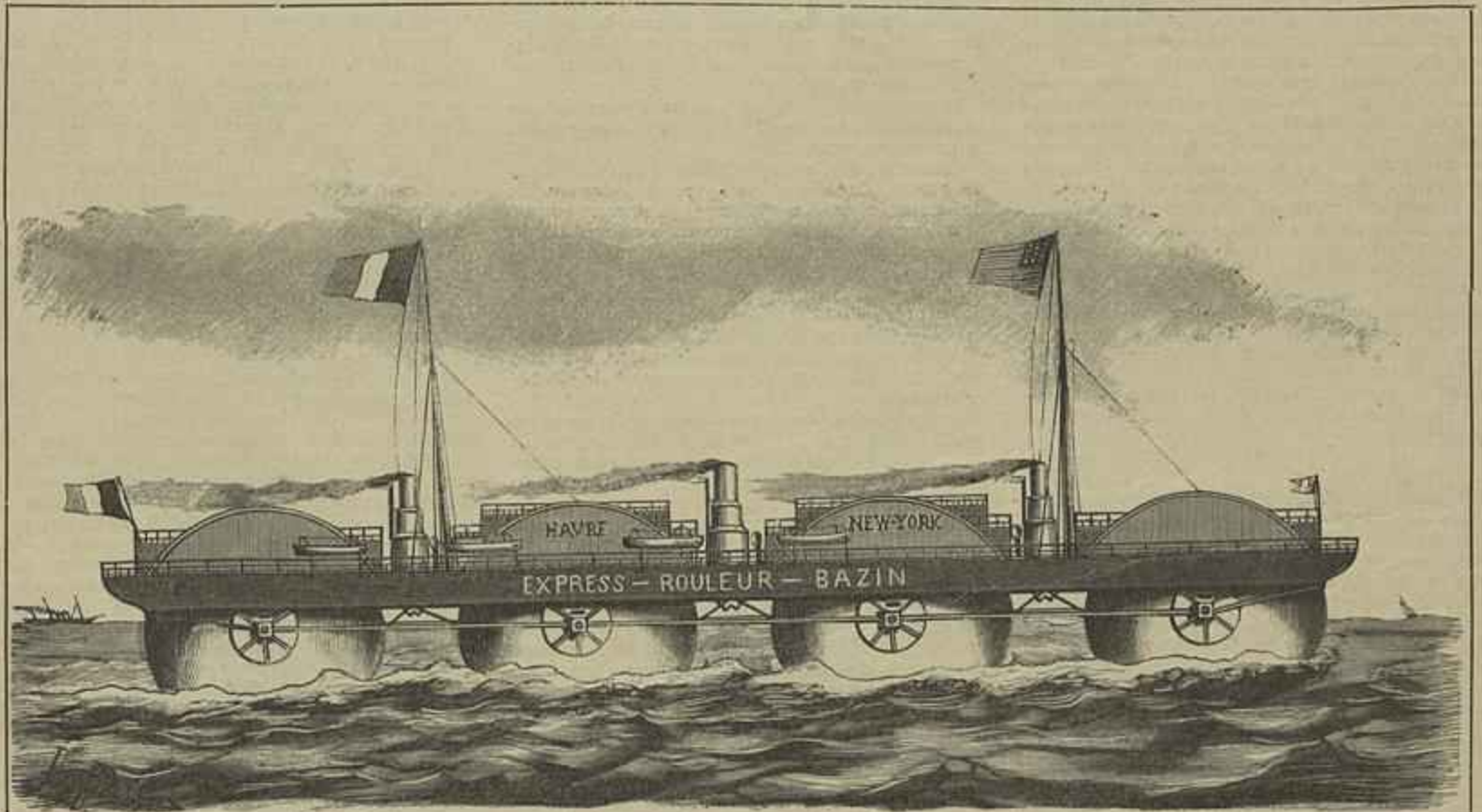
DR.ª D. DOMITILLA HORMEZINDA MIRANDA DE CARVALHO

(Copia de uma photographia do sr. M. J. Silva)

dades relativas á indole especial a cada povo, nos theatros populares de varios paizes, e conserva a mesma liberdade de acção e de linguagem, quer nos espectaculos de indole profana, quer nos autos e mysterios de assumpto sacro, pois, durante os seculos XVI e XVII, avultavam ainda no repertorio dos theatrinhos de titeres, a par dos principaes episodios classicos da mythologia pagã, themas biblicos taes como David e Goliath, Judith e Holofernes, el-rei Herodes, e quantos mais, bordados de incidentes grotescos, e que mais tarde tinham de vir a passar á moderna opereta, ao burlesco e á peça de espectaculo.

A Allemanha e, em seguida, a Italia toram, os paizes onde os titeres mais se generalisaram, e onde tambem mais cedo attingiram grau de relativa perfeição, a ponto de virem influir poderosa e eficazmente na formação gradual do theatro moderno. O elemento popular, as tradicções oraes, o *raconto*, os improvisos dos menestreis ambulantes, as satyras aos costumes forneceram amplos elementos ao drama, á comedia e á farça — esta ultima, então, póde considerar-se a herdeira directa dos entremezes de titeres, que foi onde primeiro appareceram tambem essas typicas personagens da comedia italiana do seculo XVI e XVII.

Dos modestos theatrinhos de titeres é descendente immediato o moderno theatro mechanico, ao qual se deve, em grande parte, o grau de elevada perfeição



NOVO NAVIO ROLANTE «BAZIN» — LANÇADO AO MAR EM TOLON

que as artes scénicas — a sciencia do encenamento das peças, a realisação do complemento descriptivo das produções do dramaturgo ou comediographo, — tem attingido n'este ultimo quartel de século em que vivemos.

Grande numero d'essas admiraveis illusões scénicas — d'essas prestigiosas imitações de phenomenos e effectos naturaes — muitos d'esses problemas artisticos, como adiante veremos, primeiro que passassem para o palco scenico dos grandes theatros, tinham previamente encontrado habéis e engenhosas soluções nos theatrinhos mechanicos.

Para melhor e mais completa intelligencia do assumpto, sigamos de perto, nos seus traços mais geraes, o progressivo desenvolvimento quer dos actores automaticos, quer do theatro mechanic

res que desempenhavam os respectivos papeis eram de avantajadas dimensões, e os trabalhos mechanicos, tanto o das figuras como o do scenario, dizem, que muito perfeito.

Em 1746, eis que apparece no theatrinho de titeres, em Brandenburgo, a lenda do «Dr. Fausto — o grande feiticeiro —». Ahi por 1750, começa a falar-se d'essa depois tão celebre companhia ambulante de Praga, que inaugurou varios generos — exercicios gymnasticos e proezas acrobaticas, illusões maravilhosas e machinismos, trabalhos de prestimano, visualidades reproduzindo phenomenos naturaes, etc.; — anticipando assim o celebre Daguerre, quasi nosso coetaneo, e o seu maravilhoso «Diorama.» Os seus trabalhos histrionicos eram de caracter mixto, actores verdadeiros e actores de papelão alternavam na composição

titulo de «Sombras chinezas» — E' bem conhecido de todos o processo de taes exhibições, as figuras de cartão movem-se e gesticulam por detrás de um panno fino, encerado, pendente e bem estendido na bôcca da scena, sobre o qual vem projectar-se as respectivas sombras.

Os theatros de titeres tinham se generalizado, n'essa epoca, por quasi toda a Europa e, tanto na Alemanha como na Italia, houve auctores de nomeada que não desdenharam compôr peças para serem representados pelos irrequietos e graciosos bonequinhos.

O proprio Haydn escreveu, em 1780, uma opera que foi cantada no theatro de titeres que um magnate hungaro, o principe d'Estherhazy, fizera armar no seu castello solarengo. — Presume-se até que essa tão celebre symphonia que elle compoz



OS TITERES

propriamente dito, nos principaes paizes da Europa.

Os tempos d'essa tão famigerada «guerra dos trinta annos» vieram a ser, para os titeriteiros alemães, tempos aureos. Os lances patheticos, terribes, os episodios d'esses agitadissimos annos ministravam vasto assumpto aos theatrinhos de bonecos.

Em uma peça, representada na praça do mercado em Hamburgo, por uma d'essas companhias de papelão e guitas, o protagonista, em expiação dos seus crimes execraveis, era degolado em scena, entre ruidosos applausos dos expectadores entusiasmados, os quaes, todos a uma invariavelmente, vociferavam «bis». — O titeriteiro, então, tornava a pôr ao boneco a cabeça sobre os hombros, e o cutello trabalhava de novo — Isto, duas tres e mais vezes. Annos depois, e na mesma cidade, outro theatrinho do mesmo genero exhibia uma peça adornada de musica e com elaboração scenica já assaz complicada, em que, entre outras peripécias de notavel illusão e effecto scénico, o heroe era tragado pelas feras. Os tite-

dos espectaculos — fazia parte do repertorio dos respectivos titeres, e representavam-n'a estes com perfeição tão maravilhosa, que chegava a illudir o publico, uma peça de espectaculo — percursora das magicas da actualidade, intitulada o «Principe arabe encantado».

Em 1774, e tambem em Praga, um empresario de titeres levava á scena melodramas de complicado enredo, e, figurava, entre outras maravilhas, uma esquadra que vinha bombardear uma cidade maritima, uma tempestade, naufragio, etc. — empregando engenhosos machinismos, semelhantes aos que, poucos annos depois, «Mr de Lautherbourg» pintor francez distincto, introduzia em scena, com tão ruidoso exito, nos theatros de Londres.

Ahi pelos fins do século passado, percorria a Europa um impresario italiano, por nome Chianini, á testa d'uma companhia de dansarinos dos dois sexos, que trabalhavam no corda, e que foi o introductor, pelo menos, dos espectaculos orientaes de «sombriñas» — ás quaes elle dava o

para ser executada por instrumentos infantís, e á qual deu o titulo de «Fiera dei Fanciulli» houvesse sido destinada a inaugurar o sobredito theatro.

Entrado o século xvii, os titeres estavam já assaz popularisados em França, e por muito tempo foi ali erradamente attribuido o invento a um tal Jean Brioché, prestimano e dentista ambulante. — Se não foi inventor, é certo, porém, que assaz contribuiu para o aperfeiçoamento dos titeres, e seu filho Francisco Brioché tão celebre se tornou com os seus bonequinhos, que o proprio Boileau não teve duvidas em o immortalisar em uma das suas Epistolas. — Os theatrinhos de automatos entravam em moda, e os seus espectaculos conseguiram reunir auditorios recrutados entre a mais alta aristocracia. — Floresceram n'essa epoca varios titeriteiros de nomeada, taes como Daitelin, Bienfait, Prévost, os celebres irmãos Féron, um dos quaes fundou uma dynastia. Um representante da mesma ainda hoje goza de muita fama na Russia, paiz onde explora a mesma especialidade dos seus antepassados.

Em 1646, um dos taes irmãos Féron associado a Alexandre Bertrand, reputado machinista, obteve privilegio para levar á scena, no seu theatro de automatos, assumptos sacros, e para dar representações dos mesmos durante as festas religiosas. Data d'essa época o termo *Marionnette*, adoptado como designação do titere, e pretendem eruditos que a etymologia do vocabulo deva filiar-se n'essas imagens da Virgem que tanto abundam, em nichos, á beira das estradas de Italia (*Marionnette*, *Marion*, diminutivo de *Maria*) paiz onde abundava então uma especie de presepes ambulantes com figuras automaticas. Seja como fôr, o caso é que o nome ficou, e da lingua franceza veiu a generalisar-se nas outras linguas europeias. Entre os reputados titereiros, cujos nomes citamos, alguns foram tambem autores de comedias, como por exemplo o celebre empresario Nicolet, cuja descendencia se perpetuou nos annos do theatro francez — o avô, alem de titereiro, auctor dramatico e funambulo, era tambem empresario e exhibia macacos adestrados; um descendente é auctor dramatico de nomeada, e algumas das suas peças tem sido applaudidas em Portugal.

(Continúa)

Pin-Sel.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Barzetti, traduzidas do italiano

XX

Havia cinco ou seis mulheres portuguezas e quatro hespanholas. Aquellas soffrivelmente sujas, amarellas e grosseiras; e das quatro hespanholas uma, já velha, era mãe de uma rapariga morena e bem apessoadá; as outras eram duas irmãs, a mais nova das quaes, de quinze ou dezesseis annos, seria bella como a *Venus de Medicis*, se a *Venus de Medicis* fosse de carne e não de marmore. A irmã mais velha era muito inferior á mais nova em fôrmosura, mas sempre tinha dois olhos na cara... oh que olhos! Forte pena que a comparação dos olhos com as estrellas fosse já descoberta por milhares de poetas de todas as nações, e especialmente pelos pastores da Arcadia! Se não tivessem inventado tal comparação, muito me honraria agora com ella, comparando aquelles dois bellos olhos á duas das mais bellas estrellas do céo, e a uma chamaria a estrella polar arctica, e a outra a estrella polar antartica, para rimar com arctica. As quatro hespanholas estão bem vestidas, e tanto a velha como as novas tem as saias e as mantilhas muito bem guarnecidas quer de ouro quer de prata. Segundo me parece, são quatro mulheres de Badajoz que vieram com alguns homens seus parentes vêr a feira; e a mais bonita chama-se Catalina. Tenho visto danças de toda a especie desde a Dalmacia até o norte de Inglaterra; mas torno a dizer que nenhuma dança entre mais de cem, todas diferentes, que hei observado nos meus dias, dá nem metade do prazer das que esta gente tem agora dançado. Se porventura eu fosse um Valerio Marcial desejaria fazer epigrammas em louvor d'aquellas danças beticas e gaditanas que eu imagino não seriam outra cousa senão a seguidilha e o fandango dançados por aquella moça reforçada e morena, pela bella Catalina e pela sua irmã que tem aquelles olhos de que acima fiz menção. Certamente aquellas danças vivificam bem o espirito e causam ainda mais alegria que as dos marinheiros das provincias com o pifano e o tambor. Tanto os portuguezes como os hespanhoes as dançam ora ao som de uma, ora de mais guitarras, e ora ao som das guitarras todas juntas, ao mesmo tempo que os homens e as mulheres cantam. Contudo, tanto os homens como as mulheres apenas se movem quando dançam, especialmente as mulheres, cujo movimento é incessante, mas mal se percebe. E assim as mulheres como os homens fazem tão bem e tanto a tempo estalar os dedos de ambas as mãos, extendendo o pollegar e o médio, e as mulheres batendo tão depressa e com tanta força no chão com os calcanhares, e tanto a compasso, que a gente fica pasmada a vêr, principalmente quem vê pela primeira vez, como me succedia. E eu, que havia apenas dormitado durante quatro noites, e ficara como morto da viagem de hoje feita pela maior parte a pé, e resolveva pelo caminho ir deitar-me no colchão quasi sem esperar pela ceia, achei-me em poucos instantes tão arrebatado por aquelle espectáculo novo, bello e repentino, que não pensei mais no gallo, nem no colchão nem em nenhuma outra coisa d'este mundo, e deixei-me ficar com a alma inundada de subito deleite a gosar aquella festa, a qual

se tornara cada vez mais bella, cada vez mais nova, e cada vez mais inesperada, ao vêr aquelles maus extendidos, que estavam pouco antes a dormir, saltarem logo de um pulo, e, sem cerimonia e sem vergonha dos seus calções cheios de portas e de janellas, começarem a dançar, ora com as portuguezas ordinarias e mal vestidas, ora com as bellas hespanholas espartissimas, sem que nenhuma pessoa d'aquella sociedade mostrasse offender-se cousa nenhuma, como aconteceria em outro qualquer paiz dos que eu conheço, onde o mal vestido emparelha com o mal vestido, e o agalado com o agalado, sem formarem juntos a minima mistura. A um canto do casarão ha uma mesa, e lá sobre aquella mesa (ou, para melhor dizer, n'esta mesa, porque n'ella é que estou escrevendo esta carta), sem cerimonia e perdendo a vergonha, tambem eu mandei deitar a toalha, e com o sr. Eduardo preparei-me para cear, sempre com os olhos mais virados para quem andava a dançar do que para os pratos. Quasi no fim da ceia, o Baptista apresentou nos uma torta de doce que tínhamos trazido de Lisboa, feita á ingleza pela dona da casa onde lá tínhamos sido hospedados. Parti a torta em fatias delgadas, que, em fórma de pyramide, colloquei n'um prato, e fui offerecer a as mulheres, fazendo-lhes um elegante comprimento em hespanhol, que tinha levado um quarto de hora a compôr mentalmente; e tanto as portuguezas como as hespanholas se serviram com franqueza d'aquellas fatias, fazendo-me por cada uma com a cabeça uma inclinação, acompanhada de quatro palavrinhas encantadoras. Distribuida a torta, mandei buscar vinho, e, convidados todos os dançantes e os homens a beberem á saúde das senhoras, a virtude das copiosas libações dobrou o gaudío da festa; e aquelles patifes que ao principio não tinham feito caso dos estrangeiros, começaram a depôr o grave sobrecenho e deram-se pressa em me abarrotar de cumprimentos em portuguez e em hespanhol que não tinham fim, aos quaes eu respondia com uma doçura tão bem temperada de gravidade, que, não possa eu ter jámais que comer, se não parecia mesmo um alcaide de Burgos ou de Valladolid. Em seguida á torta, mandei servir ás senhoras copos de agua fresca, porque offerecer-lhes vinho seria perder todo o bem que tinha feito com aquella pyramide de fatias, visto que n'este paiz não é possível fazer-se maior affronta ao sexo feminino do que offerecer-lhe vinho; e depois da agua ainda mandei o Baptista com um bello cesto de uvas para elle distribuir, o que as taes senhoras muito benignamente agradeceram. Uma das portuguezas, que estava grávida, mandou-me pedir um bocadinho do nosso presunto, e, levando lh'o eu logo, chegou tambem a vontade ás outras, que tinham o ventre liso, de maneira que, em menos de um instante o presunto inteiro, menos o osso, desapareceu. A meia noite a dança foi interrompida por um fogo de artificio que se queimava em regosijo pelas bodas da princeza com o senhor D. Pedro; pelo que todos os da sociedade, pondo os capotes, fomos vê-lo de um logar mesmo ao pé da estalagem; mas a chuva, que se tornara grossa, havia-os de tal maneira incommodado, com muita satisfação minha, que voltámos depressa todos para casa, e aqui se começou outra vez a tocar, a cantar e a bailar, ora um par, ora dois pares, de roda. A irmã da bella Catalina, que era, com effeito, quem melhor dançava na assembleia, e, segundo me pareceu, desejando disfarçadamente retribuir-me a cortezia usada para com ella e suas companheiras, dançou então sózinha, com tantos passinhos miudos, tantos gestos pequeninos, e tão delicados e graciosos movimentos com a cabeça, hombros e ancas, que eu seria capaz de a comer e beber viva, principalmente quando me fitava um momento, e a furto pregava os seus olhos nos meus. Quando ella acabou de dançar, eu, contra o costume pacato d'estas regiões, bati as palmas com tanta força, e n'isto fui bem secundado pelo sr. Eduardo e pelo Baptista, que todos os circumstantes, pondo de parte o costume, deram o merecido premio á dança da hespanhola, batendo todos desesperadamente com as mãos, como eu tinha feito. E um fidalgo portuguez, tomando o logar que ella deixara vago, quiz tambem patentear a sua ligeireza de pernas e de corpo, dançando só do mesmo modo, dando estalidos com os dedos, e pinchando á maravilha; mas o meu applauso não passou de um triplicado *bravissimo*, para deixar á irmã de Catalina todo o fructo da fadiga que ella teve com os dedos a estalarem, e com os calcanhares a baterem com força e furia indiziveis. Entre as cantigas d'aquellas damas houve uma castelhana, cantada por aquella outra rapariga de Badajoz, a que chamei trigueira e reforçada; a qual cantiga teria movido um pedo, tão doces e vivas eram as amorosas expres-

sões que continha. E outra que foi cantada pela bella Catalina fez-me rir alguma cousa, por causa da ultima estrophe que terminou com este extranho pensamento:

*Amor se encomienda**A la misericordia del Hospital.*

Quando acabaram de cantar, não tanto porque n'essas cantigas me agradassem muitas coisas, como para vêr se podia trocar quatro palavras com aquellas mulheres, mandei pedir ás duas que cantaram se me favoreciam com uma copia das cantigas, caso o pudessem fazer sem grande incommodo da sua parte; e a bella Catalina me mandou dizer em resposta que, tendo ella de ir tambem no dia seguinte para Badajoz, me enviaria um livro inteiro á estalagem. Notae, porém, aqui, meus irmãos, que aquella *dia seguinte* queria dizer aquelle mesmo dia, porque eram agora tres horas depois da meia noite, como puz na data, e digo isto para vos não confundirdes com a questão das horas. Para fazer transmittir o meu pedido ás ditas senhoras servi-me de uma pessoa que, por causa da sua familiaridade com ellas, me pareceu mensageiro proprio; e aqui me direis vós: *Quare, domine*, te serviste tu de mensageiro, estando na mesma casa com ellas? Não podias tu logo pedir aquellas cantigas pela tua propria bocca? — Sa-bei, porém, meus irmãos, que os usos de Portugal e de Hespanha são algum tanto diversos dos de Italia, de França e de Inglaterra; sa-bei que, se fosse licito falar com aquellas mulheres, não seria preciso puxarem-me as orelhas para conversar com ellas, e especialmente com a irmã da Catalina, que me parecia andar tentando fazer-me uma ferida no coração com aquelles seus olhos cheios de settas, a despeito dos meus quarenta e um annos. Pouco depois das tres acabou a festa, e cada um foi dormir no chão no seu logar. Sim, senhores, todos no chão, até a mesma bella Catalina e até a sua flammejante irmã, com todo o ouro e a prata, as litas, as tiras e as rendas que tinham nas saias, na cabeça e no collo. Ninguem entre tanta gente teve melhor leito que o sr. Eduardo e eu, os cães, os gatos, as mulas e os burros de Elvas. Mas eu tinha a cabeça n'uma tal confusão, que, em vez de me ir deitar, arranjei penna, tinta e papel, e puz-me a rabiscar; e eis que já deram as seis, e ainda eu aqui estou n'este casarão oscillante, que é para admirar como tenha podido tremer tanto sem se afundar commigo, com a bella Catalina, com a sua irmã, com a rapariga morena e reforçada, e com todos os dançantes e espectadores, que todos por aqui e por acolá se deitaram a dormir. Aqui estão em torno de mim (permitti que os conte) um, dois, tres, seis e quatro — dez homens e um onze, que me estão sonorosamente trombeteando adormecidos em de redor; e, visto que a chuva é se Deus a dá, e que amanhã não temos que andar senão tres leguas pequenas d'aqui a Badajoz, vou-me deitar, durante algumas horas, assim vestido como estou, sobre o colchão para não parecer menos que os outros; e portanto adeus.

Alberto Telles.

AS FREIRAS DE LORVAO

O SEU ANTIGO CEREMONIAL.

O grande historiador portuguez Alexandre Herculano, no tomo I dos seus *Opusculos*, (*questões publicas*), dá-nos a pag. 192 e seguintes a descrição n'um tristissimo quadro do estado em que, no anno de 1853, encontrou as velhas freiras de Lorvão, vivendo da maneira a mais desgraçada no seu convento.

Cheias de fome e de frio, regeladas, iam a fogo lento passando por todos os maiores horrores da horrivel escala dos soffrimentos. Haviam sido ricas e felizes, tão ricas que muitas que as roubaram se locupletaram abastadamente. N'um accesso de desespero as miserias freiras haviam já querido quebrar a clausura e ir mendigar pelas cercanias. Mas ellas eram alli obscuramente assasinadas pois que nem os gemidos das tristes monjas, nem os seus brados nem os seus prantos transpiravam para fora de tal sepultura de vivos.

Aquelle cenobio fóra riquissimo.

Mais de cem freiras viviam largamente. Mas, como mosteiro cisterciense, que era, estava dependente dos monges brancos, e alguns frades que habitavam junto consumiam successivamente as rendas e os capitães da communidade femil.

As cenobitas laubarneses, tendo em tempos passados gozado da maior abundancia, que lhe permittia a avultada renda annual de mais de

So.ooo cruzados, viam-se então reduzidas pela fome e pela necessidade quasi a quebrar os seus votos, tão credulamente feitos.

Já lá vão quarenta annos que o grande escriptor narrou tudo isto com o esplendido vigor da sua bella linguagem, apellando para que valessem aquellas desgraçadas que se viam morrer no fundo das grossas paredes frigidissimas d'aquella tumba.

Da rica livraria do mosteiro de Lorvão muitos livros vieram para o Archivio Nacional quando morreu a ultima freira, mas já antes d'isso, muito antes d'isso, em 1853, Alexandre Herculano trouxera para o archivio o codice mais precioso pela sua antiguidade que se conhece em Portugal. E' o *Commentario do Apocalypse* do monge Bento de Liebana, manuscripto do seculo xvi, um dos mais antigos que ha em todo o Portugal.

Entre os muitos codices, que vimos na Torre do Tombo e que pertenceram a Lorvão, encontramos nós um curioso sobre todos, o *Ceremonial*.

Tivemos ensejo de o copiar e aqui vamos deixar essa copia como um documento precioso. Por elle se verão as ceremonias a que eram submettidas as freiras, os seus votos, etc. Verdadeiramente interessante, offerece valiosos elementos de estudo para quem necessitar conhecer a vida monastica em todo o seu apogeu.

E', pois, o nosso presente trabalho, uma mera copia resumida, em que suppressimos o fastoso latim das orações.

Para lhe darmos o maior grau de authenticidade, mantivemos nos periodos dentro de comas ou em italico, a orthographia propria.

Eis o ceremonial segundo o que resumimos:

I

A ENTRADA DE UMA NOVIÇA

Primeiramente a virgem que quizer entrar no mosteyro, venha à igreja vestida de vestidura de voda em cabello. Soltos os cabellos sobre os hombros: e na cabeça uma capella verde sem nenhum outro toucado nem vão ornamento: depois disto cante-se ou reze-se a missa na qual commungue a noviça. Acabada a missa benza o abbade os veos e as vestiduras postas sobre o escabelo do altar, cantando ou rezando isto.

Segue, então o officio em latim, e tambem as orações: *para benzer as vestiduras, para benzer os veos, depois das quaes ordena:*

Acabada a benção, lance a agoa benta sobre os veos e sobre as vestiduras e incense-as: depois disto dê o abbade à virgem que ha de entrar no mosteyro, um cirio acceso. Aqui se lhe põe o nome.

Segue a oração, no meio da qual manda: *Aqui dirá o nome dizendo,* uma outra oração e ao fim d'ella diz: *Aqui cante ou reze o abbade os versos seguintes.* Seguem os versos, extensos em latim, bem entendido.

Tem lugar depois a *Oração a qual se ha de dizer sobre a que ouuer de entrar no mosteyro*

E, quando esta termina, preceitua: *Dita esta oração o abbade lance a agoa benta e modo de cruz sobre a noviça q ha de entrar dizendo.* Segue o latim. *Depois ençessa dizedo. Mais latim. *Depois disto seja levada ha entrada do mosteyro cantando ou rezando: *Te deu laudamus.**

*E quando chegarem à porta do mosteyro estejam ahí por tanto espaço, até que da madre seja troquiada.

*E antes que lhe cortem os cabellos diga o abbade esta oração: * Segue a oração referida. *A qual acabada tirem-lhe o ornamento da cabeça e corte-lhe a madre os cabellos dizendo este verso: * Segue o verso. *A qual despoys de cortados os cabellos entre logo no mosteyro e indo as monjas com os cirios accesos para a igreja, e ahí dentro da igreja, dispa a madre a noviça das vestiduras seculares dizendo este verso. * Aqui (acabado o verso) lhe lancem o habito da religião dizendo este verso. * Aqui (mais adiante) digam o psalmo. No fim do qual: *Aqui comece o abbade o hymno. Proseguindo os outros versos: E como for vestida e velada, estando ella diante do altar dê lhe a madre na mão um cirio acceso o qual antes havia trazido e acabado o hymno diga o abbade este verso. * Segue o verso e mais três orações.

*E entretanto que estas orações sobreditas se dizem, seja a noviça recebida com abraços de todas as monjas, começando na abbadesa e despoys de todas as outras por sua ordem: E despoys disto seja levada a noviça ao padre abbade,

e posta de joelhos ante elle e despoys della a abbadesa com todos as outras irmãs, peçam a benção dizendo este verso. * Então dito o verso o padre as benza dizendo: * Segue o latim.

*Começa-se a ordem por benzer as monjas professoras, primeiramente posta ante o degraço do altar leia esta carta: * *Ho soror,* etc.

*Lida esta carta de profissão e posta sobre o altar: torne-se a religiosa ao degraço e diga este verso. O qual dito tome venia postas as mãos e os joelhos em terra quer seja dia de festa quer ferrial, o qual faça quantas vezes acabar este verso. E o convento responda tres vezes o mesmo verso ajuntando: * *Gloria,* etc.

*E o abbade entretanto vá ao altar e tome a carta. E despoys lance-se a noviça aos pés de todas as religiosas: e tornando ao degraço lance se outra vez em terra. E o abbade venha com o bagueo ao degraço e diga: *Et ne nos.* E responda o convento: *Señ libera nos.* Despoys a cantora levante o psalmo: *Miserere,* etc. *E a cerca do fim do psalmo diga o abbade estas preces que se seguem:*

Seguem as orações. *Segue-se a benção da cugula: ou do manto. *Quando lhe despem o habito secular diga o abbade: * *Exuat,* etc.

*Quando lhe vestirem a cugula ou o manto, diga o abbade: * *Induat,* etc.

E despoys quando lhe o abbade der a cugula ou o manto benza-a publicamente dizendo: * *Oremus,* etc.

Segue-se a benção do veço e quando lhe dão o veço diga o abbade: *Alcipe velus sacratum puella,* etc.

Ha depois uma outra oração finda a qual a cantora comece e o convento a coros cante todo o hymno. *E porham a noviça benta em sua ordem e lugar, o qual feito, o abbade comece o officio da missa das noviças: *Laus deo.*

E assim terminava a serie de predicas e canticos com que a noviça era recebida.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

ADEOS (I)

NO ALHUM DO MEU AMIGO F. S. N. PONSÃO

Primeira poesia do Sr. T. A. Ribeiro

Meiga florinha do prado
Offrece em calix rosado
Ao ingrato insecto alado,
Nectarios perfumes sens,
Gosa e foga a mariposa,
Mas olhae... doudinha a rosa,
Baloçando-se chorosa
Ainda lh'envia um adeos.

Sobre o prado, sobre o monte,
Rei ativo do horizonte,
Nobre o cypreste ergue a fronte
Soberbo mirando os céos,
Mas se uma aura na passagem
Vem atagar lhe a ramagem,
Elle curvando a plumagem
Lhe tributa um grato adeos.

Se deixando o porto amigo,
Onde gosou paz e abrigo
Corre a não sorrindo ao prigo
A devassar escarcéos,
Do horizonte mesmo à beira,
Lá tremula uma bandeira,
E que á praia hospitaleira
Ella envia extremo adeos.

Tal no triste apartamento
No derradeiro momento
D'amisade o sentimento
Ninguem o traduz... só Deus!
Cala a voz mas na saudade
D'esse abraço d'amisade,
Na convulsão, n'anciedade
Vae o mais sentido adeos.

Tu que da amisade a rosa,
Guardaste sempre viçosa,
Guarda em memoria saudosa,
Estes pobres versos meus.
Té ao paterno sancto abrigo
Meu coração vai contigo,
Tu, lembra d'um teu amigo
O leal sincero adeos

T. A. Ribeiro.

(1) Publicamos hoje a primeira poesia do Sr. Thomaz Ribeiro, extractada da *Revista Academica*, e publicada n'esse jornal ha 43 annos, a exemplo do que fizemos este anno publicando a primeira poesia d'um outro grande poeta, João de Deus. E' uma homenagem que o OCCIDENTE fulga de prestar ao auctor do D. Jaime, o nosso Lazarillo Portuguez.

Uma pagina de Historia Ultramarina

Sr. Redactor do «OCCIDENTE».

No numero 625 do jornal que V. Ex.ª redige com notavel distincção, ornando-o além d'isso de gravuras que attestam os progressos que tem feito entre nós a arte photographica, biographando os principaes factos da minha carreira judicial pelas nossas provincias d'alem-mar e pelo continente do reino, referindo-se a um facto occorrido em Mossamedes, onde eu funcionava como juiz de direito diz V.ª Ex.ª a pag. 179 o seguinte:

«São importantes os seus serviços n'esta comarca, a de Mossamedes, especialmente na perseguicao que moveo ao degradado, José Ramos chefe d'uma quadilha de salteadores que assola aquella districto. O criminoso sabendo que estava pronunciado, fugiu, jurando vingar-se do juiz que lhe movia o processo; n.as de nada lhe valeo a fuga nem as ameaças, porque o Dr. Tavora, reclamando o auxilio do governador Pereira Crespo, internou-se pelo sertão com uma força armada, sob o commando do alferes J. Antonio dos Santos e deu caça ao celebre salteador, que foi surpreendido e fuzilado, com o que livrou a provincia d'aquelle famigerado bandido.

«Este relevante serviço valeo ao Dr. Tavora a commenda militar da Ceneição com que o governo de sua magestade houve por bem agraciar-o.

Se eu deixasse sem reclamação esta noticia dada por certo sem intenção de faltar á verdade historica, fazendo-me protagonista do drama que custou a vida áquelle famigerado assassino e digo famigerado, porque elle companheiro do celebre Joao Brandão, fora degradado para a Africa Occidental, districto de Mossamedes, por quinze crimes de morte que commettera, sendo o ultimo o d'uma creança, que elle confessava com repugnante cynismo, poder-se-hia julgar que eu exorbitara das minhas funcções judicias, e merecendo não o reconhecimento d'um serviço mas um justo e exemplar castigo por abuzo de poder, ordenando um fuzilamento e sem forma de processo.

Orá os factos passaram-se assim, e no interesse da verdade, e para que se não diga que a justiça se administrava então *selectivamente*, vou aproveitar o pequeno descanço das ferias judicias, para contar aos leitores do «Occidente», como o caso se passou, e principalmente para salvaguardar o meu credito como magistrado.

Se os juizes e governadores relatassem os principaes factos da sua administração, ou se os seus relatorios em vez de serem sepultados nos archivios da secretaria da Marinha e Ultramar, fossem publicados, se a administração das colonias em vez de ser um mytho, como tem sido e continua a ser fosse uma realidade, habitatar-se iam os governos a legislarem com verdadeiro conhecimento das suas necessidades.

Se tivéssemos tido voz em qualquer das casas de parlamento, o que já não pode ser por ser tarde e muito tarde, teriamos pedido, depois do que vimos e observamos, e que seria a nossa *délenda lathago*, que derivassemos a corrente da transportação official para a ilha de Timor na Oceania, como a França fez na Nova Caledonia, e para a India na provincia de Satary, para oppor aos salteadores das Novas conquistas os degradados da Europa.

E por sem duvida se este nosso alvitre fosse adoptado a India não offereceria a esta hora, o aspecto de ruina e desolação, que apresenta aos olhos da Europa civilizada, quando se tivesse sido bem administrada nestes ultimos dez annos seria a joia mais preciosa da coroa portugueza, e justificaria as festas de um centenário que pelo bom senso do governo ficou addiado talvez para sempre!

Deixando porém estas considerações volto ao meu ponto de partida.

Em 1870 sendo governador de Mossamedes o official de marinha Pereira Crespo e sendo eu juiz d'aquella, hoje comarca e então julgado da comarca de Benguela, constou-me que o bandido José Ramos, assolava o districto de Mossamedes com manifesta impunidade, roubando os indigenas nas estradas e acompanhado d'outros degradados e que ninguem se atrevia a queixar-se d'elle nem a auctoridade administrativa, deliberava por cobro ás suas violencias, em cumprimento da lei resolví fazer a correicção aos julgados.

N'esse intuito sahí de Mossamedes acompanhado Delegado do Procurador da Coroa e Fazenda escrivão e officiaes de diligencia, e de um grande numero de negociantes que constituíam uma caravana de cincoenta pessoas. Feita a correicção no primeiro julgado, que durou 15 dias, n'um d'es-

* Vide «Occidente» de 1895, em que no nosso estudo, *Manuscriptos Illustrados alludimos á elle.*

ses dias, appareceu-me o degredado com ares de pachá, e offerecendo-me um quarto no *Chibingiro* aonde elle residia com sua mulher, e aonde fazia o seu quartel general, accommettendo os indigenas que traziam marfim e outros generos coloniaes, e roubando os gados, que depois vendia em Mossamedes. Não lhe accitei o offerecimento, e vim a saber depois que elle mandara forrar de seda o indicado quarto, contando como certo que eu accitaria o seu offerecimento.

Quando terminou a correccão n'aquelle julgado, d'onde eu levava elementos para o processo tinha intentar seguir para a Huilla.

Acompanhava a caravana do degredado, e quando nos approximava-mos do Chibingiro, vendo eu que os pretos da minha typoia que ia na frente, se dirigiam á residencia do bandido, fiz parar a typoia e retroceder em direcção á Huilla, conhecendo que a direcção á Huilla, para o Chibingiro fora para não dizer ordenada, subornada pelo referido bandido.

Chegado á Huilla, sob promocio do Ministerio Publico, e em virtude de novas queixas contra o referido bandido de roubos, e outros crimes, pronunciei-o como auctor de diversos crimes, e em seguida officiei ao governador de Mossamedes para que me enviasse uma força militar que não só garantisse a minha vida e a dos empregados judiciaes, que me acompanhavam, mas assegurasse a captura do criminoso, que tudo fazia presumir se não entregaria voluntariamente á prisão. A este officio com a nota de urgente, partiu de Mossamedes, immediatamente em direcção á Huilla, o governador com 70 praças commandadas pelo Alferes Santos.

Dr. A. M. de Taxora.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Instituto. revista scientifica e litteraria, volume XLIII numeros IV e V. Coimbra. Imprensa da Universidade.

Entre os trabalhos litterarios que constituem estes numeros da apreciada publicação, distinguem-se os *Estudos sobre Sá de Miranda* por Sousa Viterbo, onde este erudito escriptor publica muitos documentos importantes para a biographia da familia de Sá de Miranda.

Todos os mais artigos são por igual valiosos e interessantes.

Supplemento ao «Relatorio» da Associação Commercial do Porto, em 1896. Porto, 1896. typographia do «Commercio do Porto»

O Supplemento ao Relatorio da Associação Commercial do Porto, no anno ultimo, é uma publicação que esta corporação distribue periodicamente pelos seus membros, pela imprensa e pelas associações congéneres do paiz e do estrangeiro tão depressa é possível colligir da estatística geral aduaneira do paiz as cifras relativas ao movimento especial do commercio da praça do Porto.

Com os dados que encerra a mencionada publicação, pôde-se por completo ajuizar das percentagens com que o Porto concorre no movimento do commercio nacional.

Além dos quadros geraes demonstrativos das quantidades e valores das mercadorias importadas e exportadas no Porto, contém mappas especiaes e mais detalhados, relativos ás principaes mercadorias que constituem o commercio do norte, como vinho, cereaes, arroz e assucar, gado, etc. além de numerosos e interessantes mappas do movimento maritimo do porto natural do Douro e do porto de Leixões, innumera tonelagem, procedencia e destino de embarcações entradas e saídas.

E, pois, um trabalho valioso que honra a illustre corporação que o redigiu.

A Escola. revista litteraria mensal dos alumnos do collegio de S. Luiz. Braga 1896.

Temos continuado a receber esta graciosa publicação, fructo da mocidade estudiosa do grande collegio de S. Luiz. 60 artiguinhos, todos inspirados pelo mais puro mysticismo, não deixam de mostrar talento da parte de quem os escreveu o que realmente é muito consolador.

Nitidamente impressa, a pequena revista faz

honra á importante typographia do sr. José Maria de Sousa Cruz, em Braga, onde é feita.

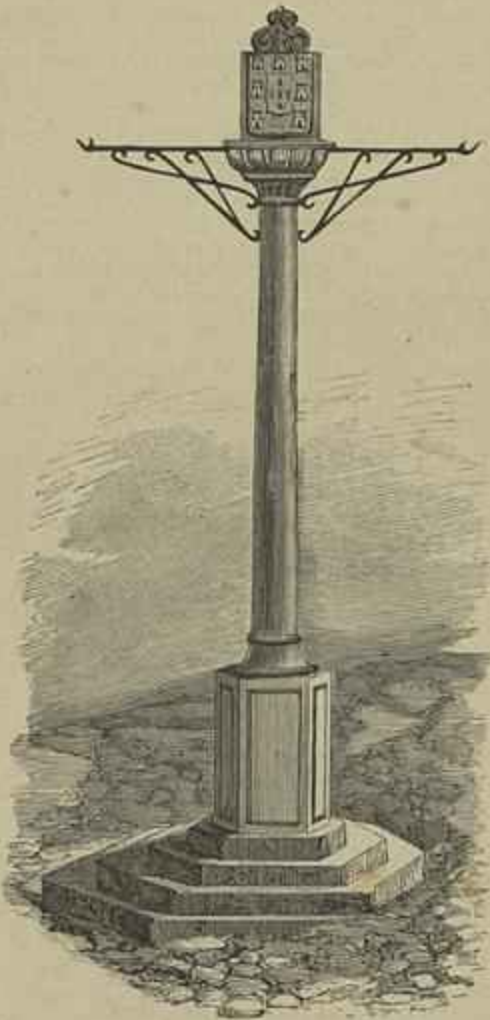
O Mundo em Casa. n.º 1 a 5 1896. Lisboa.

Com o despretençioso sub-titulo de *Jornal illustrado para todos* começou a publicar-se este novo collega a quem desejamos a mais longa vida.

Illustrado pelo lapis de Hygino Mendonça, que tambem o dirige litterariamente, o novo jornal apresenta interesse e curiosidade.

A Peccadora. romance de costumes de Henrique Perez Escrich, versão de Esteves Pereira. Empreza Editora e Typographica. Rua D. Pedro V, 86 e 88, Lisboa.

Alcança já a caderneta 17, estando prompto o segundo volume, este encantador romance de Perez Escrich, cuja publicação é feita com todo o esmero e regularidade pelo conhecido editor d'esta cidade, sr. João Romano Torres.



PELOURINHO DE PALMELLA

O admiravel entrecho d'esta graciosa obra romantica gira em torno de um thema profundamente observado na vida real, d'onde o brilhante auctor o surpreheendeu para o offerecer aos seus leitores em scenas da mais impolante emoção, mostrando como do rebaixamento vil e degradante a que um ente humano pode descer, saem a regeneração e a rehabilitação, mercê do mais bello de todos os affectos — o sublime amor de mãe.

Se a obra no original hespanhol é verdadeiramente encantadora pelo sentimento com que está escripta, pelas deliciosas fugas em que a imaginação do leitor fica ainda trabalhando depois de lido o romance, constituindo com isso o seu grande merito, podemos affirmar que na versão portugueza existem o mesmo recato de linguagem e delicadeza de expressão, que tão graciosos tornam os romances d'este auctor.

Jornal dos Cegos. revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos. Redactor Branco Rodrigues. Lisboa 1896.

Os numeros que recebemos d'esta revista illus-

trada trazem os retratos do conselheiro João Franco que decretou o ensino dos cegos em Portugal, de Antonio José Repenicado insituidor da primeira escola profissional para cegos estabelecida em Portugal, etc.

Todos os artigos são curiosos e interessam na verdade mais os videntes do que os cegos. D'aqui o titulo do jornal não corresponde ao que o seu titulo fazia esperar.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa; 14 serie n.º 11 e 12. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895.

Nos presentes numeros da revista da prestimosa sociedade encontram-se os seguintes trabalhos: *O ultimo padrao de Diogo Cão*, por Luciano Cordeiro, estudo que os nossos leitores já conhecem porque aqui foi primitivamente publicado; *A ilha de S. Vicente de Cabo Verde*, por Vieira Botelho da Costa; *Bases para a creação de uma colonia branca nos Inharrim*, por Pedro A. Alvares.

Projecto, para a representação da opera «D. Bibas» do visconde do Arneiro.

Desde tempo que temos em nosso poder um opusculo que o illustre compositor portuguez sr. visconde do Arneiro, ha bastantes annos residindo em Italia, dirigiu ao sr. presidente da commissão executiva do centenario do descobrimento da India.

N'elle apresenta o illustre maestro um projecto detalhado, precedido de uma patriótica exposição, para levar á scena uma sua opera dedicada a el-rei e cujo argumento é tirado da obra gigante de Alexandre Herculano — *O Bobo*.

Submettida á opinião da illustre commissão executiva, ignoramos ainda qual o resultado obtido pelo sr. visconde do Arneiro.

A Reforma, do ensino geographico por Ferreira Deusdado. Imprensa Lucas, Lisboa 1896.

Recebemos este livro em que o illustrado professor lyceal, sr. Ferreira Deusdado expõe, como já o fez no volume XI da sua *Revista de Educação e ensino* que proficientemente dirige, todos os preceitos que a moderna pedagogia aconselha para o ensino da geographia.

Noticiando o apparecimento d'este projecto de reforma do ensino de tão importante sciencia, noticia que já bem tarde fazemos, pela constante falta de espaço com que luctamos sempre, estamos certos de que o presente trabalho é já bem conhecido de todos os que se interessam por uma questão tão capital como o é a illustração.

Portugal Agrícola, periodico agricola, redactor — proprietario: João Achilles Ripamonti.

Temos presentes alguns numeros d'este magnifico periodico que se dedica aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias.

Superiormente dirigido pelo illustre agronomo, chefe de secção na repartição dos serviços agronomicos, sr. João Achilles Ripamonti, conta com a collaboração effectiva dos mais illustres agronomos e professores da especialidade a que se dedica.

Entre os numeros recebidos tem logar distincto o n.º 8 de fevereiro de 1895 em que vem todos os retratos dos cavalleiros que no congresso viticola de 1895 mais se salientaram.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE» Para 1897

Está no prelo e accitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se desde já encomendas na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 23 a 19